

FRANCISCA JÚLIA DA SILVA

HENRIQUETA GALENO

Francisca Júlia da Silva nasceu aos 31 de agosto de 1874, em São Paulo, na cidade de Xiririca.

Miguel Luso da Silva e Cecília Isabel da Silva foram seus pais. Era irmã de Júlio César da Silva, poeta também e excelente. Irmãos pelo parentesco consanguíneo e pela afinidade intelectual, talvez por isso grande estima uniu-os por toda a vida.

Desde os albores da juventude, 15 anos, Francisca Júlia começou a escrever poesias e, logo depois, foi inserindo nas páginas de "O Estado de São Paulo" as suas produções poéticas; os aplausos então conquistados serviram de incentivo a novas publicações. As colunas do "Correio Paulistano", do "Diário Popular" e especialmente de "A Semana" acolhiam com muito agrado os versos da jovem poetisa. É que ela não apareceu como estreante, mas como diz Valentim Magalhães — "como mestre, sem vacilações, sem titubeios, sem incertezas, exibindo-se logo em todo o seu esplendor".

Com 21 anos apenas, publicava o seu primeiro livro — "Mármore", que recebeu crítica favorável dos maiores escritores do tempo e consagrou o seu nome no mundo das letras como poetisa de peregrino talento. Mais tarde, lança ao público novo livro — "Esfinges" com o mesmo sucesso.

Francisca Júlia, contam, amou um jovem intelectual e foi igualmente amada; depois, não se sabe porque, desfêz-se o

compromisso feito entre ambos e dali por diante ela se alheou aos enleios amorosos próprios da idade e voltou-se inteiramente para sua poesia e para os seus estudos, apropriando-se de grande cultura clássica e tornando-se a parnasiana fria e heráldica nos seus versos admiráveis. É que, sopitando a ternura e a sensibilidade que lhe enchiam a alma, ela dirigiu-as com desvelado carinho para a beleza escultural de sua Poesia.

Só muitos anos depois, já quando os arroubos da idade primaveril tinham arrefecido, foi que ela sentiu o amor penetrar-lhe de novo o coração, e dessa vez de modo definitivo, casando-se então com aquele que lhe havia conquistado o coração. Era um moço de origem estrangeira e que a fez bastante feliz. Viveram alguns anos casados em perfeita compreensão e grande e recíproca estima. Ele era um seu fervoroso admirador. Mas, como a felicidade é sempre transitória e nada perdura na vida, no dia 2 de novembro, data consagrada aos mortos, dia sempre nevoento e muito triste, após curta moléstia, o espôso querido, Munster, falecia, e a dor da espôsa amada foi tamanha que, ao debruçar-se sobre o caixão mortuário para a última despedida, um colapso cardíaco levou-a também para as regiões incógnitas do além. Grande foi a estupefação de quantos presenciaram êsse fato tão raro, talvez único na nossa história literária. E assim, no dia 3 de novembro de 1920, com extraordinário acompanhamento, saía o cortejo fúnebre, levando os dois caixões para o Cemitério do Araçá, onde foi sepultada Francisca Júlia, um dos maiores poetas que o Brasil já teve.

* * *

Entre as mais altas expressões da Poesia Brasileira tem Francisca Júlia posição de grande destaque. Poetisa de extraordinário engenho, cultura acendrada do parnasianismo, escola da perfeição da forma, da pureza da linguagem e da harmonia do ritmo. Com os sonetos admiráveis que produziu enfileirou-se ela em plano não muito inferior ao dos seus

irmãos em Arte, Heródia Banville, Leconte de Lisle e Teófilo Gautier.

Em dezembro de 1918, Leopoldo Machado, em artigo publicado na "Época", do Rio, diz que "a autora dos "Mármore" e "Esfinges" produziu sonetos tão perfeitos como os mais perfeitos sonetos de Raimundo Correia, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, João Ribeiro e Machado de Assis".

Com a publicação de "Mármore" e "Esfinges", ela recebeu os louros devidos ao seu prodigioso talento poético, na opinião unânime dos luminares da crítica nacional e de toda a imprensa brasileira.

Olavo Bilac, um dos maiores poetas do Brasil, saudou-a vibrantemente, proclamando o seu grande mérito literário.

Leal de Sousa assim se pronunciou: "A lapidária exata das "Esfinges", submissa às rigorosas leis científicas da arte, engasta na transparente correção da límpida frase metrificada a riqueza vernácula das áureas rimas insubstituíveis".

A voz autorizada de João Ribeiro declara: "A sua poesia enérgica, vibrante, traz a veemência de sonoridades estranhas, nunca ouvidas, uma música nova de que as cítaras banais do nosso Olímpo nos haviam desacostumado".

Guilherme de Almeida afirma convicto: "No limiar de uma literatura, como a entrada misteriosa do deserto, Francisca Júlia plantou as suas "Esfinges" eternas. E elas ditaram aos do seu tempo o enigma profundo de uma arte divina; e marcarão para os que hão de vir, monolíticas e definitivas, a glória forte de uma terra, de uma raça, de uma cultura".

A obra poética de Francisca Júlia brilhará triunfante através do tempo, porque está assentada sobre sólida base cultural e iluminada por excepcional talento.

Na "Dança de Centauros", ela realça o seu privilegiado estro, ao imprimir cores vivas à descrição grandiosa dessa dança, em que se nos afigura a visão perfeita do aproximar das centauras, a gargalhar, em loucos rodopios, no ímpeto lúbrico dos desejos:

Patas dianteiras no ar, bôcas livres dos freios,
Nuas, em grita, em ludo, entrecruzando as lanças,
Ei-las, garbosas vêm, na evolução das danças
Rudes, pompeando à luz a brancura dos seios.

A noite escuta, fulge o luar, gemem as franças;
Mil centauras a rir, em lutas e torneios,
Galopam livres, vão e vêm, os peitos cheios
De ar, o cabelo sôlto ao léu das auras mansas.

Empalidece o luar, a noite cai, madruga...
A dança hípica pára e logo atroa o espaço
O galope infernal das centauras em fuga:

É que longe, ao clarão do luar que empalidece,
Enorme, aceso o olhar, bravo, do heróico braço
Pendente a clava argiva, Hércules aparece...

Sôbre a publicação do soneto "Musa Impassível", a brilhante escritora Adalzira Bittencourt refere-nos, no seu esplêndido livro "A Mulher Paulista na História", que Max Fleiuss, Secretário Perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico recordou êsse episódio interessante: "Certa vez recebiam, na "Semana", uns versos primorosos assinados por Francisca Júlia da Silva. Tão perfeitos eram que João Ribeiro considerou-os uma mistificação, chegando mesmo a atribui-los a Raimundo Correia. Todos concordaram. Essa Francisca Júlia era um mito. João Ribeiro observou logo: Eu respondo a essa imaginária poetisa. E escreveu deliciosa poesia com o pseudônimo de Maria Azevedo. Raimundo Correia, quando soube que João Ribeiro lhe atribuía os versos, leu-os, releu-os e disse: "É uma pena. Não são meus, não errarei atribuindo-os a Bilac. Só êle faria êsse soneto". Dias passados, é Bilac interrogado e felicitado. O autor de "Via Láctea" também fica intrigado: "Não é meu — disse, e não sendo meu nem do Raimundo, só pode ser de Alberto de Oliveira. Não há dúvida: é

molecagem do Alberto êsse pseudônimo feminino”, disse Bilac. Interpelado depois o grande Alberto, êle lê e relê o soneto e afirma não ser o autor daquela jóia. Mais tarde verificamos que existia a poetisa e foi exatamente João Ribeiro quem lhe prefaciou o primeiro e magistral livro “Mármore”.

Identificada a autora do maravilhoso soneto, Raimundo Correia, Bilac, Alberto de Oliveira e João Ribeiro imediatamente vão-lhe render as homenagens devidas ao seu grande talento poético”.

Êsse fato vem provar que não obstante a evolução em prol dos direitos e da inteligência da mulher, ainda há restrições quanto à sua capacidade intelectual, especialmente quando ela não tem a defendê-la um prestígio masculino. O soneto sendo perfeito atribuíram-no aos maiores poetas da época, mas nem sequer tiveram a lembrança de que a autora pudesse ser uma mulher, como realmente era.

Em “Musa Impassível” a poetisa, em ritmos helênicos, exorta sua musa a alhear-se aos píncaros da arte, na sua maior expressão e soberanamente, com uma segurança maravilhosa, assim fala:

Ó Musa, cujo olhar de pedra, que não chora,
Gela o sorriso ao lábio e as lágrimas estanca!
Dá-me que eu vá contigo, em liberdade franca,
Por êsse grande espaço onde o impassível mora.

Leva-me longe, ó Musa impassível e branca!
Longe, acima do mundo, imensidade em fora,
Onde, chamas lançando ao cortejo da aurora,
O áureo plaustro do sol nas nuvens solavanca.

Transporta-me de vez, numa ascensão ardente,
À deliciosa paz dos Olímpicos Lares
Onde os deuses pagãos vivem eternamente,

E onde, num longo olhar, eu possa ver contigo
Passarem, através das brumas seculares,
Os Poetas e os Heróis do grande mundo antigo.

Nesses versos, de uma grandeza incomparável de forma, notamos a parnasiana intransigente e perfeita. Sua emoção feminina aí nem de leve transparece; só o culto da forma, da sua perfectibilidade domina a autora.

“Profissão de Fé” — forte inspiração, em que a poetisa desentranha de sua alma o mais recôndito sentimento de fé firme e inabalável:

Ouço e vejo o teu nome em tudo; ou nos reólhos
Do vento, ou no fulgor das estrêlas, radiante;
Tudo é cheio, Senhor, dêsse perdão constante
Que sai da tua bôca ou desce dos teus olhos...

Tu és sempre o mistério, a luz que tenho diante
Do olhar, quando te imploro a piedade, de joelhos;
Ês, à noite, o luar que bate nos escolhos,
Iluminando o bom caminho ao navegante.

Ante o perigo não vacilo; acho-me calma;
Porque te amo, Senhor, com essa fé singela,
Mas forte e intensa, que me vem de dentro d'alma.

Para marcar o mau caminho há sempre indícios;
Não há sombra que esconda a escura e hianta guela
Dos teus antros sem fundo e dos teus precipícios.

Compulsando a obra da poetisa, que obedece a uma técnica severa, sempre no anseio da perfeição, estamos com o mestre João Ribeiro, quando diz: “O caráter preponderante da sua poesia é o amor da beleza clássica, tal qual a idearam os helenos de Péricles — o sentimento abstrato e profundo do

número, do ritmo e da harmonia. Em uma palavra, mais êxtase do que paixão. Bastaria para prová-lo, êsse soneto "Os Argonautas", que parece um baixo-relêvo de mármore, tal a fria correção do desenho, soneto que é, decerto, um dos mais belos e mais bem acabados entre os da nossa língua".

Mar fora, ei-los que vão, cheios de ardor insano,
Os astros e o luar — amigas sentinelas,
Lançam bênçãos de cima às largas caravelas
Que rasgam fortemente a vastidão do oceano.

Ei-los que vão buscar noutras paragens belas
Infintos cabedais de algum tesouro arcano...
E o vento austral que passa, em cóleras, ufano,
Faz palpar o bôjo às retesadas velas.

Novos céus querem ver, miríficas belezas;
Querem também possuir tesouros e riquezas,
Com essas naus, que têm galhardetes e mastros...

Ateiam-lhes a febre essas minas supostas...
E, olhos fitos no vácuo, imploram, de mãos postas,
A áurea bênção dos céus e a proteção dos astros.

S. Paulo, a gloriosa terra de que tanto se orgulha o Brasil, teve na grande Francisca Júlia uma filha à altura dos seus altos destinos. Ela ascendeu a culminâncias até hoje ainda não colimadas por nenhuma outra mulher, no terreno da Poesia. Glória, pois, à excelsa poetisa de "Mármore" e "Esfinges".

Fortaleza, outubro de 1960.